

MARIA
Silêncios e Palavras

Um agradecimento especial a Lino Fantinel pela paciente transcrição do ditado, e a Diletta Ranaldo por uma primeira correcção dos rascunhos [da edição italiana].

Colecção MARIOLOGIA

Maria, Modelo de Fé

Pierre-Marie Théas

Com Maria, Dia-a-Dia – «Agenda» mariana

Fernando Leite

Nossa Senhora nos Romances do Santo Graal

Mário Martins

Laudes de Nossa Senhora

J. Mendes de Castro

Unidos em Oração com Maria

AA.VV.

Maria, Mãe de Jesus

Dário Pedroso, S.J.

Portugal e o Dogma da Imaculada Conceição

António Maria Pinheiro Torres

Tudo por meio de Maria – A mediação de Maria na vida e pontificado de João Paulo II

Jaime Fuentes

Maria – Silêncios e Palavras – Reflexões acerca das relações interpessoais

Giovanni Lajolo

Giovanni Lajolo

MARIA
Silêncios e Palavras

Reflexões acerca
das relações interpessoais



Editorial A. O.

Título original:
Maria – Silenzi e Parole
© Copyright 2011 – Libreria Editrice Vaticana
00120 Città del Vaticano
ISBN 978-88-209-8516-5

Tradução:
Mário José Galvão de Almeida

Na capa:
Imagem da Senhora do Sangue,
venerada no Santuário de Re, em Val Vigezzo (Itália).
Fresco do séc. XV

Capa:
Virgílio Cunha

Paginação:
Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos:
Minhografe, Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal nº
????????????????

ISBN
978-972-39-0783-4

Abril de 2014

Com todas as licenças necessárias

©
SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO
Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA
Tel.: 253 689 440 * Fax: 253 689 441
www.apostoladodaoracao.pt/livros@snao.pt



A MARIA

e a todas as mulheres
que com a palavra e o silêncio
me acompanharam
como ícones da ternura de Deus

Convite a escutar

Estas páginas não podem orgulhar-se de apresentar novas perspectivas exegéticas nem nenhum fundamento teológico. Tais novas perspectivas exegéticas exigiriam a escolha de complexos métodos científicos de análise literária, com pesquisa das fontes e um abundante aparato erudito. Um fundamento teológico, por outro lado, levaria a especulações abstractas para dar ao corpo doutrinal uma unidade ideal. Não é em tais âmbitos que se situam as páginas que se seguem, ainda que procurem (ou presumam) ter presente os resultados mais habitualmente aceites da exegese da teologia católicas.

Pergunta-se então: por que é que as escrevi? Por que razão as publico?

Estas são perguntas muito legítimas, às quais não posso dar senão uma modesta resposta.

Escrevi-as, diria, para procurar clareza para mim próprio: porque, se um pensamento não se expressa em palavras, não pode ser totalmente claro (ainda que, por vezes, com as palavras se torne ainda mais obscuro). É dando à palavra a sua forma escrita que a palavra interior é obrigada a precisar-se (ou, pelo contrário, a manifestar-se na sua imprecisão e incerteza).

Tenho notado na minha modesta experiência de vida que experimentei os momentos de maior prazer, ou melhor ainda, de alegria, quando se me abriu a visão interior de uma verdade. Uma percepção de significado é luz que transforma por dentro. A verdade nunca se encontra isolada, nem das outras verdades, nem da nossa vida. Se isto se aplica a qualquer verdade, que dizer quando

esta verdade desvela um rosto, e quando este rosto é o de Maria: a mulher em quem Deus, mais do que em qualquer outra criatura – excepto na humanidade de Cristo, além do mais vinda por meio de Maria – Se manifestou, melhor, Se reflectiu.

Os Evangelhos falam-nos de Maria. Contam-nos coisas acerca dela, ainda que marginalmente, em alguns episódios da sua vida que fazem parte da vida de Jesus; e fazem-nos conhecer algumas das suas palavras. E as palavras revelam uma pessoa, por vezes ainda mais que as acções; e determinados silêncios não menos do que muitas palavras.

Por isso, procurei dirigir a minha atenção para as palavras e para os silêncios de Maria, a Mãe de Jesus. E, ao escutar, perguntei-me simplesmente: o que me dizem? E procurei responder com simplicidade.

O ponto de vista das páginas que se seguem consiste, pois, em abeirar-se com respeito das relações interpessoais que emergem das palavras de Maria, que se podem intuir por meio e por detrás dos seus silêncios, a partir dos relatos evangélicos, e em procurar compreendê-las com simplicidade, associar-se-lhes, com simpatia humana. De resto, estou convencido de que os textos evangélicos (ao contrário de outros textos bíblicos), precisamente devido ao seu carácter histórico-narrativo dirigido ao povo de Deus, são em geral acessíveis aos nossos contemporâneos como o foram aos seus: eles falam ao ser humano de todos os tempos. Graças a este carácter histórico-narrativo, esses textos não relatam uma coisa para fazer compreender uma outra, como sucede nos midrashim hagádicos ou em mitos de diversas culturas; a sua narrativa possui a transparência da verdade e solicita ao leitor (ou seria talvez melhor dizer: ao «ouvinte») que reaja com a própria inteligência, sensibilidade, imaginação – e, mais ainda, com a própria vida. Acrescente-se a isso que os textos dos Evangelhos são muito populares, mas tal não significa que tenham sido escritos de maneira

imprecisa. Os evangelistas são escritores cuidadosamente equilibrados e coerentes, e em muitas das suas páginas não ficam em posição inferior, em valor literário, aos maiores clássicos de todos os tempos.

As palavras de Maria, referidas nos Evangelhos, possuem o fascínio que brota da sua personalidade, tão plenamente feminina; discreta, mas não débil; sábia, mas não loquaz; amorosa e forte. E os silêncios que a acompanham – antes, o silêncio que a envolve – dão força à sua palavra e solicitam o aprofundamento e a revelação. Pois há silêncio e silêncio: há o silêncio vazio de sentido, opaco, e há o silêncio do espírito, humilde e luminoso: é o silêncio que corresponde ao mistério da vida, ao significado transcendente do destino, não apenas de Maria, mas do seu divino Filho, ao destino de todas as pessoas. É o silêncio em que se envolve o mistério de Deus; e só a partir dele é que Deus pode falar, e fala; e convida a entrar nele. Também o silêncio, tal como as palavras, reclama a escuta.

E por que é que publico?

Pelo mesmo prazer profundo que experimentei ao entrar – ao procurar entrar – no espírito tão elevado e puro quanto amável e acolhedor de Maria de Nazaré – nas suas palavras e nos seus silêncios. O prazer da sua companhia é uma alegria que não pode permanecer solitária. Como qualquer outra alegria, não seria percebida como completa e, por conseguinte, não seria tal se não viesse a ser comunicada. Público, portanto, procurando tornar outros participantes do gozo daquela luz, seja grande ou pequena, que se acendeu dentro de mim.

Quando acontecer que eu não consiga transmitir essa luz, não me leve a mal o leitor. Ponha de lado o livro e procure fazer a experiência de maneira autónoma. Tomando nas mãos os Evangelhos e lendo com calma as passagens que falam de Maria, volte a escutar as suas palavras, escute também os seus silêncios. E

deixe-se depois transportar no pensamento, na imaginação, nos sentimentos. Não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma – escrevia Inácio de Loyola – mas o sentir e gostar as coisas internamente (Exercícios Espirituais, 2). Não é necessário, porém, abandonar-se a fantasias, nem também esquecer o confronto dos textos evangélicos com a realidade concreta, humana, de uma história feita de autênticas relações interpessoais, vividas ao modo humano – à luz de Deus.

A Palavra de Deus tem algo a dizer a cada pessoa. Cada pessoa pode tirar algo dessa fonte inesgotável e fruir dela.

1

NÃO SE CHAMA
SUA MÃE MARIA?

DO EVANGELHO SEGUNDO MATEUS

Depois de terminar estas parábolas, Jesus partiu dali [de Cafarnaúm]. Tendo chegado à sua terra [Nazaré], ensinava os habitantes na sinagoga deles, de modo que todos se enchiam de assombro e diziam: «De onde Lhe vem esta sabedoria e o poder de fazer milagres? Não é Ele o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? Suas irmãs não estão todas entre nós? De onde Lhe vem, pois, tudo isto?». E estavam escandalizados por causa d'Ele. Mas Jesus disse-lhes: «Um profeta só é desprezado na sua pátria e em sua casa» (Mt 13, 53-57)*.

DO EVANGELHO SEGUNDO MARCOS

E partiu dali [de Cafarnaúm]. Foi para a sua terra [Nazaré], e os discípulos seguiam-No. Chegado o sábado, começou a ensinar na sinagoga. Os numerosos ouvintes enchiam-se de espanto e diziam: «De onde é que isto Lhe vem e que sabedoria é esta que Lhe foi dada? Como se operam tão grandes milagres por suas mãos? Não é Ele o carpinteiro, o filho de Maria e irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão? E as suas irmãs não estão aqui entre nós?». E isto parecia-lhes escandaloso (Mc 6, 1-3).

* As citações bíblicas, reproduzidas em itálico, são retiradas da BÍBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, Fátima, 5ª ed., Setembro de 2008. [N.T.]

Não se chama sua mãe Maria?

(Mt 13, 55)

1. De Maria, da sua vida terrena, das suas vicissitudes, bem como das suas palavras, só conhecemos as referências que se encontram nos quatro Evangelhos. Há outros episódios que entraram na tradição da Igreja e na piedade popular a partir dos evangelhos apócrifos: por exemplo, a sua apresentação no Templo aos três anos de idade (Proto-Evangelho de Tiago, cap. 7 – séc. II); ou de sucessivas tradições de origem incerta, como, por exemplo, o episódio da sua «dormitio», isto é, da sua morte, rodeada de todos os Apóstolos (Livro de João, o Teólogo – séc. V). Mas os evangelhos apócrifos, enquanto fonte documental histórica, não possuem maior respeitabilidade histórica do que aqueles que podem ter os romances históricos do séc. XIX, e até a possuem menos, uma vez que foram compilados, se não mesmo para conferir um apoio histórico a determinadas teorias, pelo menos sob o seu influxo. São Jerónimo fala dos Apocryphorum deliramenta: os delírios dos apócrifos (Comentário sobre o Livro do Profeta Isaías, 17). Além disso, os apócrifos foram redigidos com aquela inocente credulidade que se compraz com o prodigioso, própria do seu tempo. Falta-lhes a sobriedade sucinta e convincente que é própria dos Evangelhos canónicos.

De Maria, de episódios da sua vida, falam ainda com riqueza de detalhes as visões de algumas almas místicas, como Santa Brígida da Suécia (1303-1373) ou a Beata Catarina Emmerich (1774-1824); mas não se lhes pode atribuir qualquer valor histórico, quanto mais não seja por se contradizerem entre si.

Há depois as «aparições marianas», sufragadas pela autoridade da Igreja, como as de Guadalupe em 1531, Lourdes em 1858, ou Fátima em 1917. Mas elas não pretendem dar a conhecer factos ou palavras de Maria durante a sua vida terrena, mas apenas transmitir uma mensagem forte para a vida de fé do povo de Deus. Estas aparições não podem ser refutadas como episódio simplesmente «privados»; representam, pelo contrário, graças concedidas por Deus ao seu povo peregrinante para o sustentar e encorajar; porém, nada acrescentam às inexauríveis riquezas que da fonte da Divina Revelação são derramadas sobre nós por meio da Sagrada Escritura e da Tradição da Igreja.

2. O que conhecemos de Maria a partir das únicas fontes históricas disponíveis – isto é, dos Evangelhos e, para um único episódio, dos Actos dos Apóstolos – pode ser recapitulado no breve elenco que se segue.

De Maria conhecemos:

- a localidade onde habitava, Nazaré, na Galileia (Lc 1, 26);
- o seu matrimónio com José, da casa de David, um carpinteiro (Mt 1, 18.20.24; Lc 1, 27; 2, 4-5);
- a anunciação do anjo Gabriel e a sua concepção virginal (Lc 1, 26-38; Mt 1, 18-20);
- a sua visita, logo a seguir, à sua parente Isabel, na Judeia (Lc 1, 39-56);
- o nascimento de Jesus em Belém no tempo de César Augusto e de Herodes, rei da Judeia, enquanto decorria o recenseamento ordenado por Quirino, governador da Síria (Mt 2, 1; Lc 2, 1-7);

Não se chama sua mãe Maria?

- a apresentação de Jesus no Templo de Jerusalém, por ocasião da purificação ritual da mãe, quarenta dias após o parto, como prescrevia a Lei de Moisés (Lc 2, 22-38);
- pouco depois, a visita dos Magos a Belém, durante o reinado de Herodes, o Grande (Mt 2, 1-12);
- a fuga para o Egito, com José e o menino, para escaparem aos planos homicidas de Herodes (Mt 2, 13-15);
- o regresso a Nazaré quando reinava Arquelau, etnarca da Judeia, depois da morte de seu pai, Herodes (Mt 2, 22-23);
- a peregrinação anual a Jerusalém, juntamente com José, por ocasião da Páscoa (Lc 2, 41);
- a «perda» de Jesus por ocasião de uma dessas visitas, quando Ele tinha cerca de 12 anos, e, depois de três dias de buscas, o seu encontro em Jerusalém, no Templo (Lc 2, 42-50);
- a sua presença numa boda em Caná da Galileia, no início do ministério público de Jesus (Jo 2, 1-11);
- a vez em que foi ter com Jesus juntamente com os seus «irmãos» (Mt 12, 46; Mc 3, 31; Lc 8, 19);
- o modo como era conhecida enquanto mãe de Jesus (Mt 13, 55; Mc 6, 3);
- a sua presença, juntamente com outras mulheres e o discípulo preferido de Jesus, aos pés da cruz no Gólgota (Jo 19, 25-27);

– a sua presença no meio de algumas mulheres e «os irmãos de Jesus», juntamente com os apóstolos, na «sala de cima» de um edifício de Jerusalém, onde se encontravam habitualmente em oração à espera do Espírito Santo prometido pelo Senhor ressuscitado (Act 1, 13-14).

Estes dados são, na verdade, poucos, se fosse necessário escrever uma biografia de Maria no sentido habitual do termo. De facto, foram escritas não poucas «vidas» de Maria; mas elas estão cheias de conjecturas, em parte historicamente fidedignas, e ainda em maior número questionáveis (são, de resto, conjecturas). No entanto, tais dados não se podem considerar como escassos, se se considerar, por um lado, a sucinta brevidade dos Evangelhos, e, por outro, a inesgotável riqueza de interpretações espirituais, teológicas e ascéticas a que deram azo no passado e – podemos estar certos disso – darão ainda no futuro. E isto não deve causar espanto: pois são factos e palavras que nos foram comunicados pela Palavra de Deus; e a Palavra de Deus tem uma densidade inexaurível.

3. Aproximando-nos da figura de Maria, e tomando em consideração o que é oferecido pelos Evangelhos, a impressão de fundo com que se fica – permita-se-me que o repita – é que ela está envolta em silêncio.

Maria não está, porém, envolta no silêncio do anonimato, mas antes naquele da «normalidade»: de ser ou, melhor, de surgir como «uma mulher qualquer», bem identificável, conhecida pelo nome como a mulher e a mãe de carpinteiros, situada no âmbito de uma família normal, ao nível dos outros habitantes do vilarejo de Nazaré. O seu filho carpinteiro, Jesus, é também «um de nós» (Fl 2, 7; Heb 4, 15) e vive, na sua profissão como no seu ser hebreu, como os demais. É precisamente por isto que, quando Jesus

manifesta a sua missão e a sua identidade, se diz: «não se chama sua mãe Maria?». Não havia, pois, aos olhos das pessoas, nada de excepcional a assinalar n'Ele, como também nada havia de extraordinário para falar de Maria, ambos unidos, Maria e seu filho, pela mesma «silenciosa normalidade».

Maria está envolta em particular no silêncio também devido à sobriedade das referências à sua pessoa contidas nos Evangelhos, totalmente dirigidos a fazer-nos conhecer Jesus, no qual se centra a essência da mensagem evangélica.

Deve dizer-se mais. O silêncio que circunda Maria não se fundamenta apenas no reduzido clamor em volta dela e das escassas informações que dela se podem obter nos Evangelhos. É o «Silêncio» que desce do mistério de Deus: este impõe um quase sagrado respeito e pudor no aproximar-se da «Senhora», em virtude da sua relação única e singularmente exclusiva com o mistério trinitário, que nela se desenrola a partir do anúncio do anjo Gabriel: a sua vocação a ser a Mãe do Filho Unigénito do Altíssimo, por obra do Espírito Santo. Relação «exclusiva», deve precisar-se, não no sentido que exclua a outros de nela tomarem parte: pelo contrário, convida e solicita a que todos entrem na mesma circulação de relações; mas «relação exclusiva» no sentido em que ninguém poderia ter uma relação de igual intimidade e intensidade com as Pessoas individuais da Santíssima Trindade.

Não espanta, pois, que alguns Padres da Igreja, sobretudo do Oriente, tenham aplicado a Maria a imagem da sarça ardente, do meio da qual Javé falou a Moisés, não sem que antes ordenasse que não se aproximasse e que tirasse as sandálias, porque o lugar em que estás é uma terra santa (cf. Ex 3, 3-6). A liturgia latina, na antífona das Vésperas da Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus, a 1 de Janeiro, também canta: Na sarça que Moisés via arder sem se queimar, reconhecemos o sinal da vossa admirável virgindade. Íntegra é a virgindade de Maria, pois não foi tocada

pelohomempecador,econsagradapelamaternidadeoperadapor Aquele que é o único Santo; íntegra como a sarça ardente, pois de Maria Se nos dirigiu a Palavra de Deus, o Verbo eterno do Pai, que nela Se fez carne e voz humana, com a palavra que queima e faz arder o coração.

Diante de um tal mistério, que fecunda a história com a eternidade, convém fazer silêncio: adorante, contemplativo, mas também receptivo, em resposta ao silêncio que oculta, mas também conserva uma realidade divina que a partir desse silêncio envia à humanidade uma palavra nova de liberdade e de elevação.

Maria: não mais do que uma sarça comum, mas ardente de um fogo que não se apaga.

4. A atenção das páginas que se seguem dirigir-se-á a todas as palavras de Maria que nos foram transmitidas, e a alguns momentos de silêncio de Maria, quando é referida a sua presença. A intenção é a de entrar com respeito e amor neste «lugar santo» de onde Deus fala, e escutar, como também escutaram os santos, as pessoas de fé, as doutas e as humildes. Porque entrar no espírito de Maria é entrar numa atmosfera de beleza pura, humilde, familiar, mas também elevada e repleta de luz.

Na Divina Comédia, Dante fala de Maria como quem do supremo amor vovera a chave (II, 10, 42)¹, como da face, que à de Cristo mais se assemelha, e cuja luz tão pura... pode dispor a veres Cristo (III, 32, 81-83)²; e coloca, por fim, nos lábios de S. Bernardo o celeberrimo elogio de Maria:

¹ As citações da Divina Comédia de DANTE ALIGHIERI são retiradas da tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, Atena Editora, São Paulo, 1955, versão para eBook (eBooksBrasil.com) [Nota do tradutor].

² Na versão por nós utilizada, esta citação corresponde aos nn. 85-87 [Nota do tradutor].

Não se chama sua mãe Maria?

«Virgem Mãe, por teu Filho procriada
Humilde e sup'rior à criatura,
Por conselho eternal predestinada!

Por ti se enobreceu tanto a natura
Humana, que o Senhor não desdenhou-Se
De Se fazer de quem criou, feita...

Em ti misericórdia, em ti piedade,
Em ti magnificência, em ti se aduna
Na criatura o que haja de bondade»
(III, 33, 1-6; 19-21).

Vale a pena, por conseguinte, procurar conhecer Maria, aproximando-nos dela e escutando-a.

Índice

Convite a escutar.....	7
1. Não se chama sua mãe Maria?	11
2. A Esposa	23
3. Fiat.....	37
4. Maravilhas	61
5. Silêncio impenetrável.....	81
6. Silêncios transparentes.....	93
7. Silêncios penetrantes.....	109
8. A Espada.....	123
9. O pai	137
10. Não têm vinho!.....	153
11. A mãe.....	165
12. Maria	179
Convite a olhar Aquelas três rosas	191
Abreviaturas bíblicas.....	205